

AGLOMERAÇÕES

O espaço público é o cenário por onde as coreografias coletivas gravitam.

As massas urbanas se sobrepõem em fluxos invisíveis pela cidade, ora passivas ao frenético ritmo contemporâneo, ora pre-nunciativa em manifesto, ora carnavalesca e alegre.

CIDADE-RUÍNA

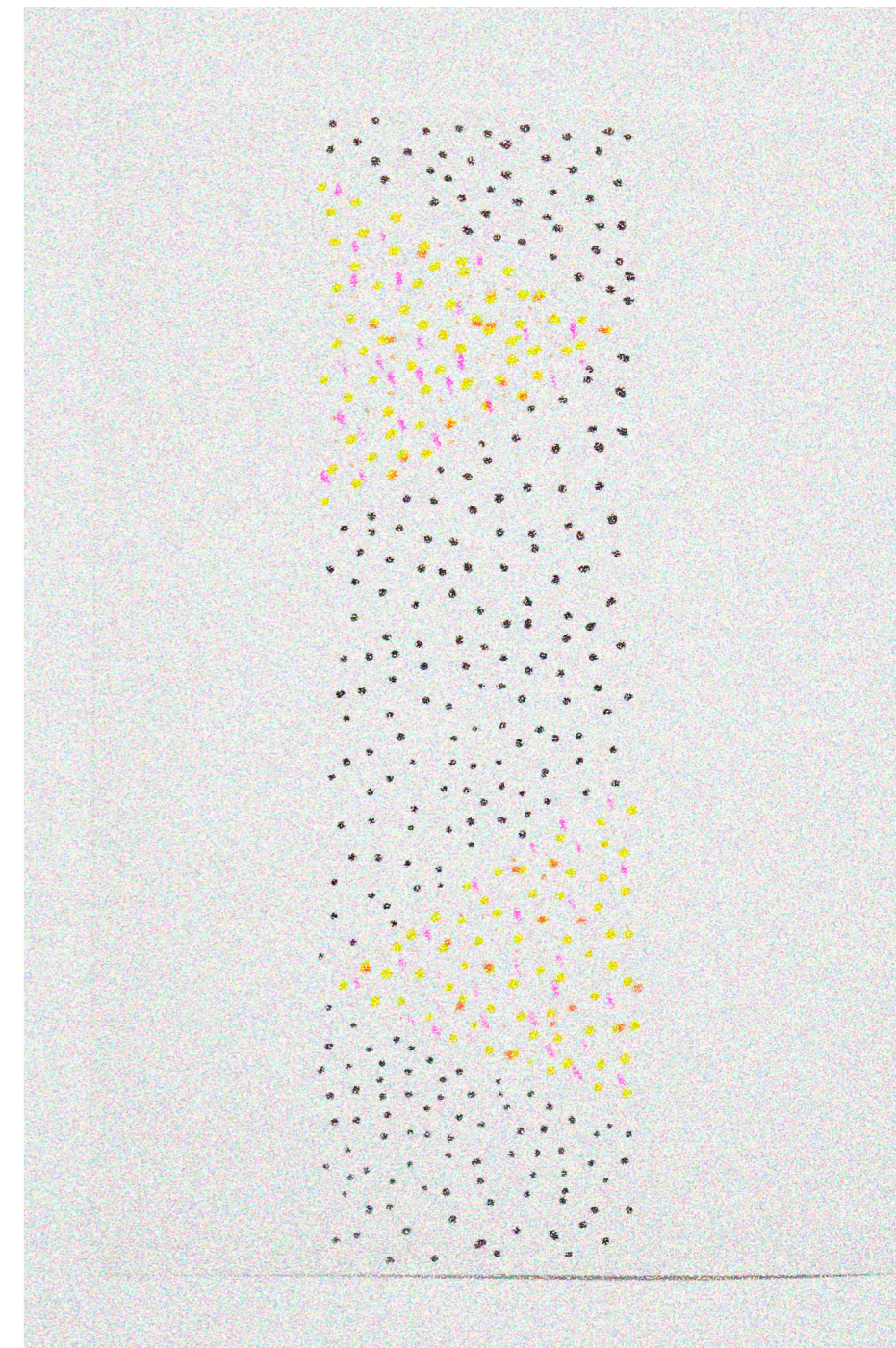
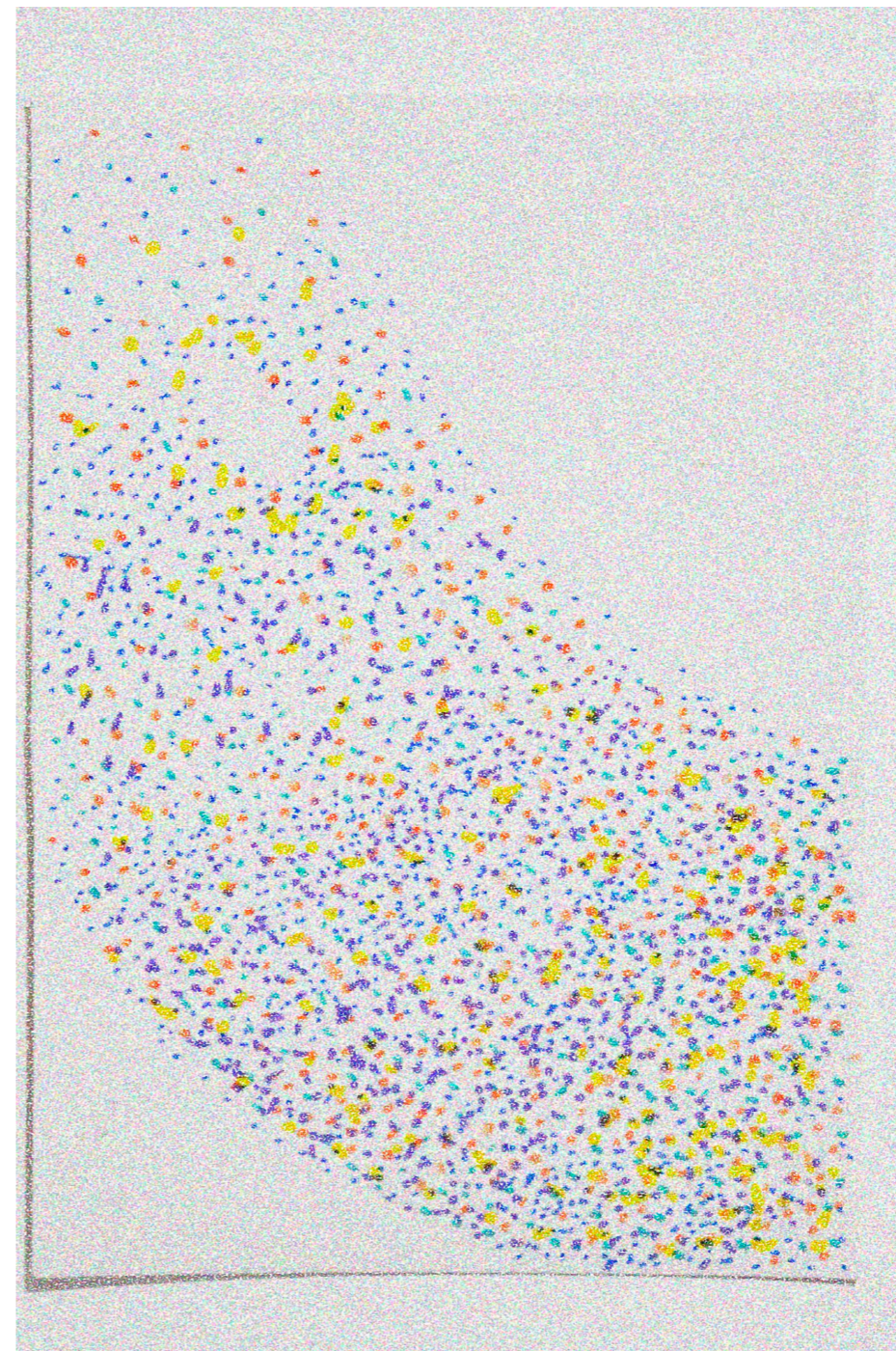
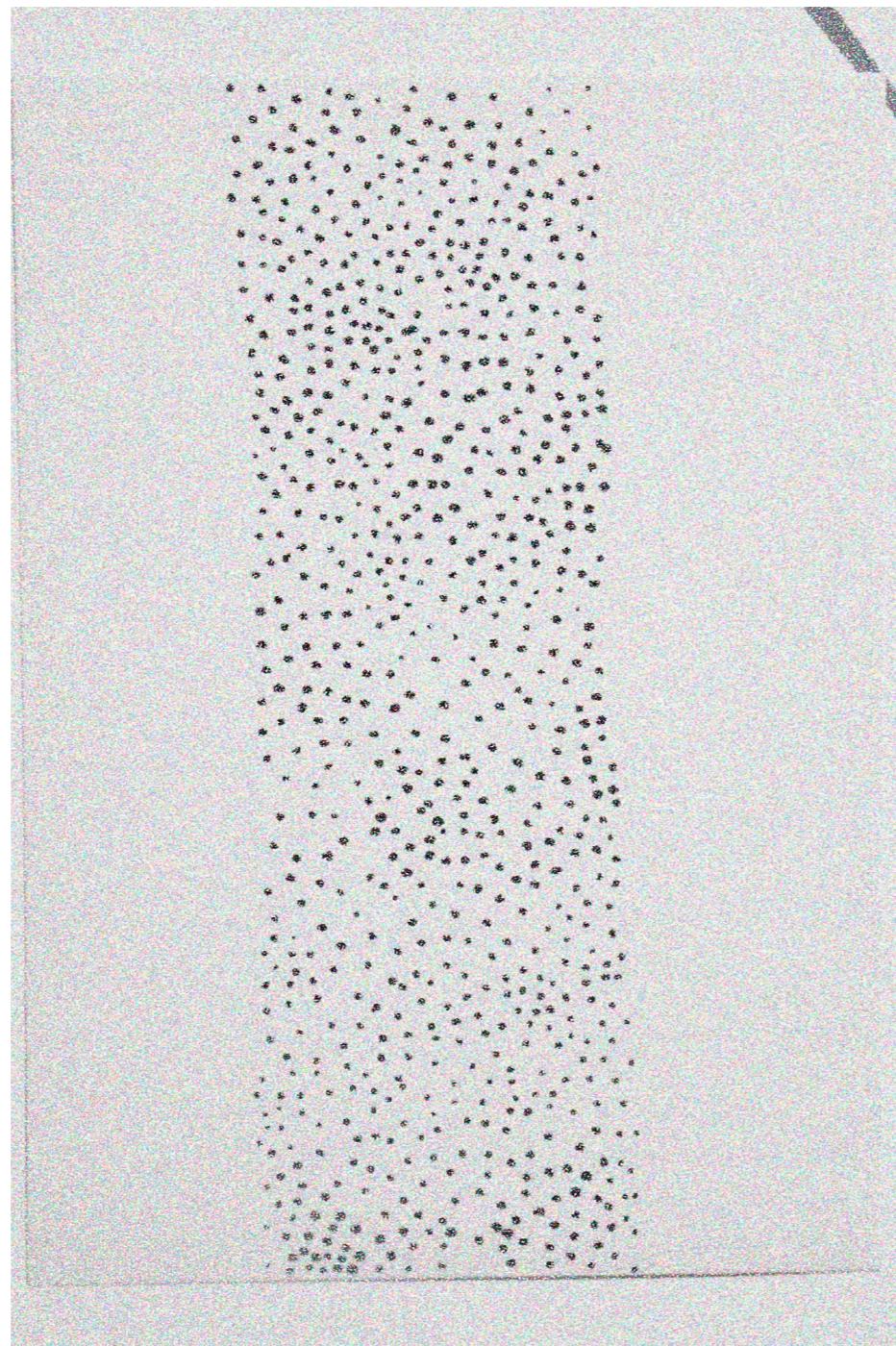
O vazio atual, como fruto direto de uma calamidade global e da necessidade de saúde pública, evoca o divórcio do tamborilar da vida cotidiana com os espaços públicos. As massas reunidas para o bem comum, se coreografam então para o afastamento social.

Esse é um momento de grande potencialidade para a compreensão de lugares com intensos fluxos no cerne de suas contradições.

VIGILÂNCIA

Quais são os agentes que controlam e condicionam os espaços públicos?

Levando em consideração a impossibilidade da presença humana nesses espaços atualmente, como se apropriar desses mecanismos de vigilância seletiva?



LUGAR

Largo da Concórdia.

Rede desconexa onde mistura-se intensos fluxos, vazios urbanos, cicatrizes da cidade pós-industrial, comércio formal e informal, não permanência, imigração e migração, modais de transporte e camadas históricas fragmentadas por diferentes ocupações que se sobrepõem e se cruzam sem definir um espaço homogêneo.

MATÉRIA

Roupas, lonas, tenda, feira, camelódromo, câmeras, monumento ao migrante nordestino (aço-cortem).

AÇÃO

Ações em espaços públicos questionam a atemporalidade dos conceitos. De que forma estes são abertos, desatados, sendo indizíveis? De que forma a inserção de um elemento na paisagem pode se transformar no núcleo de um ato performático? De que forma um corpo estranho pode tencionar a relação entre fragilidade e força, atração e repulsa, infiltração e enfrentamento?

A partir dessas inquietações pretende-se inserir um elemento na paisagem, que dialogue com seus fluxos e estados fragmentários, considerando o enquadramento das câmeras de vigilância. Registro e ação se dão simultaneamente.

